

de um romance que procurava precisamente o escândalo: “Sem amigos na direção dos jornais de prestígio, poucas foram as notas que apareceram, registrando o aparecimento do livro”(225).

Preterido na promoção que almejava, à função modestíssima de segundo oficial, omitido no noticiário, Lima Barreto seria ainda incompreendido e injustiçado pela crítica, pelos poucos que apreciaram o romance. Na *Notícia*, a 15 de dezembro de 1909, Medeiros e Albuquerque, sob o pseudônimo de *J. Santos*, iniciava a sua crítica opinando pela qualidade do romancista — “começa pelo fim, aparece com um escritor feito” — mas entra logo a lamentar as alusões pessoais, a “descrição de pessoas conhecidas, pintadas de um modo deprimente”, culminando com juízo arrasador: “um mau romance e um mau panfleto”. No dia seguinte, pelo *Diário de Notícias*, Alcides Maya vinha afirmar que aquele “álbum de fotografias” não passava de “verdadeira crônica íntima de vingança, diário atormentado de reminiscências más, de surpresas, de ódios”, dando a impressão de “desabafo, mais próprio das seções livres que do prelo literário”. Até que ponto o receio ao *Correio da Manhã*, o medo de aborrecer a folha combativa e prestigiosa de Edmundo Bittencourt pesou nesses julgamentos? Até que ponto a sórdida política dos elogios mútuos e da consagração limitada às mediocridades amigas influiu neles? Um romance em que Paulo Barreto aparecia como “misto de suíno e de símio”, poderia ser aplaudido pelos seus confrades?

José Veríssimo já não fazia crítica em jornais e revistas. Escreve a Lima Barreto, entretanto, a 5 de março de 1910, com atraso de que se justifica. Seu juízo é modelar, pela precisão dos conceitos e pela visão clara do processo literário: critica o “excessivo personalismo”, e resume assim o seu pensamento: “A cópia, a reprodução mais ou menos exata, mais ou menos caricatural, mas que não chega a fazer a síntese de tipos, situações, estados d'alma, a fotografia literária da vida, pode agradar à malícia dos contemporâneos que põem um nome sob cada pseudônimo, mas, escapando à posteridade, não a interessando, fazem efêmero e ocasional o valor das obras”. O que mais irritara Lima Barreto fora a afirmação de que a fraqueza de seu romance derivava de seu caráter *à clef*; essa mesma crítica se derramaria em louvores à *Esfinge*, de Afrânio Peixoto, triunfalmente recebido, em 1911, e que tinha esse mesmo caráter, retratando a vida mundana do Rio e de Petrópolis, livro medíocre — “cujas virtudes opiáceas não são de desprezar”, como escreveria, acidamente, o próprio Lima Barreto então.